



Indícios de subjetividade na fala de uma criança psicótica: um olhar para as hesitações

Signs of subjectivity in the speech of a psychotic child: a look upon hesitations

Indicios de subjetividad en el habla de una niña psicótica: una mirada sobre las hesitaciones

Juliana Bonatto*
Lourenço Chacon**

Resumo

Este estudo, desenvolvido sob prisma linguístico-discursivo, teve como objetivos: (1) descrever os momentos em que ocorreram hesitações em enunciados de uma criança psicótica com diagnóstico de Distúrbio de Linguagem; e (2) verificar em que medida esses momentos (também) podem indiciar aspectos de uma subjetividade que parece emergir nessa criança. Os dados foram extraídos da filmagem de uma sessão de terapia fonoaudiológica de uma criança do gênero feminino, com 10 anos de idade. Como resultados: em relação ao primeiro objetivo, de um total de 362 enunciados produzidos pela criança, apenas 74 (20%) apresentavam marcas hesitativas, enquanto 288 (80%) não apresentavam. Em relação ao segundo objetivo, os enunciados com marcas hesitativas ocorreram em situações de: desenvolvimento de tópico, especialmente sob forma de complementaridade; introdução de novo tópico; retorno a tópico anterior; recusa a tópico; incompletude enunciativa. O elevado percentual de enunciados sem marcas hesitativas (80%) explica-se por se tratar de enunciados altamente previsíveis pelo contexto, sobretudo em situações de pares adjacentes ritualizados, muitas vezes em situação de especularidade imediata. Já o percentual mais reduzido de enunciados com marcas hesitativas explica-se justamente pelo fato de que, diferentemente daqueles sem marcas, neles, detectam-se indícios de uma subjetividade que parece emergir e se fazer mostrar na produção discursiva. Com o desenvolvimento deste estudo, procurou-se ressaltar o olhar para as hesitações enquanto marcas de subjetividade – ou seja, indícios de relações conflituosas do sujeito com os outros que constituem o dizer. Teve-se, também, a preocupação de trazer para o campo da Fonoaudiologia reflexões lingüístico-discursivas baseadas em dados extraídos de contextos sintomáticos da linguagem.

Palavras-chave: *linguagem infantil; linguística; distúrbios da fala.*

* Fonoaudióloga clínica – Centro de Atendimento Multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação de Marília (SP).

** Doutor em Linguística – Unesp.





Abstract

This study, performed under a linguistic-discursive prism, aimed to: (1) describe the moments in which occurred hesitations in the utterances of a psychotic child diagnosed with Language Disorder; and (2) determine the extent to which these moments (also) can indicate aspects of a subjectivity trying to emerge in this child. Data were extracted from a speech therapy session with a ten year old female child. Concerning the first goal, from a total of 362 utterances produced by the child, only 74 (20%) had hesitation traces, while 288 (80%) did not. Concerning the second goal, the utterances with hesitation traces occurred in situations of: topic development, especially in the form of complementarity; introduction of new topic; return to the previous topic; refuses to the topic; enunciative incompleteness. The high percentage of utterances without hesitation traces (80%) is explained because they are highly predictable from the context, mostly in situations of ritualized adjacent pairs, oftentimes in situations of immediate specularity. The reduced percentage of utterances with hesitation traces are explained precisely by the fact that, unlike those without traces, in these ones, signs of a subjectivity that tries to emerge and show itself in the discourse production are detected. With the development of this study, we tried to emphasize the view at the hesitations as marks of subjectivity – in other words, evidences of conflicting relationships between the subject and the others that constitute the utter. The concern was also about bringing to the field of Speech Pathology discursive linguistic reflections based on data extracted from symptomatic contexts of language.

Key-words: child language; linguistics; speech disorders.

Resumen

Desde una perspectiva pragmático-discursiva, este estudio se propone: (1) describir los momentos en que ocurrieron hesitaciones en los enunciados de una niña psicótica con diagnóstico de trastornos del lenguaje y (2) comprobar en qué medida esos momentos (también) pueden considerarse indicios de aspectos de una subjetividad que comienza a manifestarse. Los datos provienen de una sesión de terapia de fonoaudiología de una niña de 10 años de edad. Como resultados: Respecto del primer propósito, de un total de 362 enunciados producidos, solo 74 (20%) presentaban marcas de hesitación, mientras 288 (80%) no presentaban. Respecto del segundo propósito, hubo enunciados con hesitaciones en situaciones de: desarrollo de un tema, especialmente en la forma de complementariedad; introducción de un tema nuevo; vuelta al tema anterior; rechazo del tema; incompletud enunciativa. El alto porcentaje de enunciados sin marcas de hesitación (80%) puede justificarse porque se trata de enunciados altamente previsibles por el contexto, sobre todo en situación de pares adyacentes ritualizados, muchas veces en situación de especularidad inmediata. Ya el porcentaje más reducido de enunciados con marcas de hesitación se explica justamente porque, a diferencia de los anteriores, en estos se detectan indicios de una subjetividad que parece emerger y manifestarse en la producción discursiva. Se pretende, a partir de este estudio, destacar el papel de la hesitación como marca de subjetividad, es decir, indicios de relaciones de conflicto del sujeto con los otros que constituyen el decir. Se aspira, asimismo, a incorporar al campo de la Fonoaudiología reflexiones lingüístico-discursivas que resultan del análisis de datos provenientes de contextos sintomáticos del lenguaje.

Palabras-claves: lenguaje infantil; lingüística; trastornos del habla.





Introdução

Na literatura internacional e nacional, nos últimos cinco anos, a investigação do funcionamento das hesitações tem levado os estudiosos, preferencialmente, a estabelecerem critérios de diferenciação entre disfluências tidas como comuns à fala e disfluências gagas. É o que se observa, por exemplo, em Anderson⁽¹⁾ et al, Couter et al.⁽²⁾, Wagovich et al⁽³⁾, Juste e Andrade⁽⁴⁾, Merçon e Nemer⁽⁵⁾, Andrade et al⁽⁶⁾, Andrade⁽⁷⁾ e Oliveira et al⁽⁸⁾.

Além dessa tendência dominante, outras tendências podem ser detectadas. Na literatura internacional, por exemplo, Peets⁽⁹⁾ e Cummins⁽¹⁰⁾ chamam a atenção para fatores como inserção social, autoestima, bem-estar e qualidade de vida como operantes nas disfluências. Já na literatura nacional, observam-se trabalhos que se preocupam em traçar um perfil longitudinal da fluência⁽¹¹⁾ e, ainda, investigar a relação entre a ocorrência de disfluências comuns e o desenvolvimento das habilidades de resolução de conflito em crianças em idade escolar⁽¹²⁾.

Chama a atenção, no entanto, uma lacuna no que se refere a trabalhos com enfoque discursivo sobre as hesitações. Contribuições dos estudos lingüístico-discursivos vêm sistematicamente sendo incorporadas nas investigações desenvolvidas na Fonoaudiologia. Mas, nesse campo do conhecimento, essas contribuições são observadas prioritariamente em trabalhos que se voltam sobre os sintomas de linguagem em adultos^(13, 14, 15, 16, 17, 18, 19). Trazer contribuições dos estudos discursivos para a Fonoaudiologia é, pois, uma das razões que motivam a realização da presente investigação. Outra razão é voltarmos para um aspecto da linguagem pouco estudado sob enfoque discursivo na literatura fonoaudiológica: as hesitações.

Assim, a proposta do presente trabalho é investigar o funcionamento da hesitação nos enunciados falados de uma criança com diagnóstico médico de Psicose Precoce e fonoaudiológico de Distúrbio de Linguagem. No que se refere à fundamentação teórica, quanto ao enfoque discursivo, este se assentou, especialmente, em contribuição de trabalhos clássicos desenvolvidos por Pêcheux⁽²⁰⁾, Pêcheux & Fuchs⁽²¹⁾ e Authier-Revuz⁽²²⁾. Com relação ao aspecto específico a ser investigado – as hesitações –, os subsídios teórico-metodológicos foram extraídos de investigações desenvolvidas

no interior do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq), como, por exemplo, as investigações de Nascimento⁽¹⁸⁾, Dias⁽²³⁾, Camillo⁽²⁴⁾, Nascimento e Chacon⁽¹⁹⁾, Vieira⁽¹⁷⁾ e Vieira e Chacon⁽²⁵⁾.

No que diz respeito ao aspecto específico a ser abordado – as hesitações –, de acordo com as investigações desenvolvidas pelo GPEL, elas são concebidas como processos que indiciam as negociações, problemáticas, com os *outros* do discurso, não configurando necessariamente um processo consciente – no sentido de uma estratégia utilizada pelo sujeito. Compreendidas, pois, dessa maneira, “as hesitações não se reduziram a indícios de descontinuidade do fluir temático” – como se pode depreender do modo como os estudos mais tradicionais tratam esse fenômeno. Observá-las por esse prisma, segundo os autores, “é negligenciar a complexa natureza e constituição do discurso, circunscrevendo-o ao que seria um de seus aspectos, o da superfície lingüística”⁽¹⁷⁾. Assim, nessa perspectiva “tanto os momentos considerados como de fluência quanto aqueles considerados como de disfluência corresponderiam, então, a diferentes modos de negociação do sujeito com os *outros* que o constituem, em diferentes graus de complexidade”⁽¹⁷⁾.

As hesitações, portanto, “não necessariamente indiciam uma condição patológica do sujeito que enuncia, mas, fundamentalmente, apontam para momentos privilegiados nos quais a heterogeneidade da linguagem se mostra – independentemente de ser afetada (ou não) por uma condição que limite seu exercício pelos sujeitos”⁽²⁵⁾.

Com base no arcabouço teórico acima exposto, esta investigação será norteada pelos seguintes objetivos: (1) descrever, em registros de sessão de terapia fonoaudiológica de uma criança com diagnóstico médico de Psicose Precoce e fonoaudiológico de Distúrbio de Linguagem, os momentos em que ocorrem hesitações; e (2) verificar em que medida esses momentos também podem indicar aspectos de uma subjetividade que parece emergir nessa criança.

Material e método

A pesquisa foi desenvolvida seguindo os processos éticos pertinentes: parecer da Comissão de Ética em Pesquisa da FFC/UNESP, sob número 0138/2010, e assinatura, pelo responsável, do





Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com modelo fornecido pelo Centro de Estudos em Educação e Saúde (CEES) da FFC/UNESP.

Material:

Foram utilizados registros (filmado e transcrito) de uma sessão de fonoterapia (com cerca de 40 minutos) de uma criança (identificada, em nossos dados, como **J**), do gênero feminino, à data da filmagem com dez anos de idade. A filmagem foi realizada em sala comum de terapia, utilizando como equipamento uma filmadora Gradiente GCP-185 CR com fita JVC modelo EGH Hi-fi.

Sobre o Sujeito:

O sujeito dessa pesquisa é **J**, de dez anos de idade, atendida, à data da filmagem, individualmente por um estagiário (identificado, em nossos dados, como **T**) do Centro de Estudos em Educação e Saúde, o CEES/UNESP. O diagnóstico médico da criança é de Psicose Precoce, e o diagnóstico fonoaudiológico é de Distúrbio de Linguagem. Ambos os diagnósticos, bem como informações que os justificam, foram recuperados em dados do prontuário de **J**. Para auxiliar na compreensão das singularidades do sujeito desta pesquisa, serão transcritas informações que subsidiam ambos os diagnósticos, extraídas do prontuário clínico da criança.

Com relação ao diagnóstico médico de *psicose precoce*, consta de avaliação psiquiátrica realizada quando o sujeito estava com 7 anos e 11 meses de idade que o quadro não confirmava autismo infantil. Essa opção diagnóstica se deveu à “qualidade de interação e o comportamento simbólico presente, eventual. A hipótese de configuração psicótica é a proposição diagnóstica”. Assim, considerando as informações que constam nos registros do prontuário, o diagnóstico de *psicose precoce* foi feito por exclusão a um possível diagnóstico de *autismo infantil*.

Já o diagnóstico fonoaudiológico de *distúrbio de linguagem* foi feito quando a criança se encontrava com seis anos e dez meses de idade. Quanto às características linguísticas que justificariam esse diagnóstico, consta, do relatório de avaliação do sujeito, que:

em relação aos aspectos lexicais/semânticos, a paciente (**P**) possui um repertório lexical limitado para sua idade, pois não identificou certos objetos que fazem parte do cotidiano (por exemplo, as painéis) e não atribuiu funções a estes mostrando atraso na habilidade semântica. Já em relação aos aspectos sintáticos, a **P** tem estruturação sintática simples, com inversão de estruturação frasal presente em alguns momentos, e ainda, não relatou fatos e não narrou histórias. Em se tratando dos aspectos pragmáticos, a **P** mostrou dificuldade em dar função aos objetos e de situá-los numa situação de brincadeira.

Acompanhamento direto e observação clínica feitos pelos autores deste estudo permitiram, porém, detectar, em **J**, um funcionamento da linguagem mais complexo do que aquele descrito em informações de seu prontuário. Com efeito, além das características acima apontadas, a criança apresentava alterações, principalmente, em aspectos discursivos da linguagem: relação eu/outro fragilizada, caracterizada no discurso pela ausência de primeira pessoa (muitas vezes referindo-se a si como “a menina” ou “ela”); dispersão da cadeia discursiva; fragmentação dos aspectos temporais e espaciais no discurso; recortes, sem uma relação explícita com o contexto, de enunciados dos interlocutores (não necessariamente presentes no contexto terapêutico).

Procedimentos:

A estratégia verbal utilizada foi, em atividades lúdicas, a conversação dirigida e semi-dirigida pelo terapeuta, já que esta modalidade permite observar o domínio da língua pelo uso da própria língua.

Na medida do possível, buscou-se criar situações o mais próximo possível daquelas da vida diária da criança (em que se verificam competições pelo turno, ruídos ambientais etc.).

Transcrição e validação dos dados:

Após o término das filmagens, foi feita uma transcrição inicial de todo o material, de acordo com as normas propostas em Pretti & Urbano⁽²⁶⁾ para o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), que investiga o português falado. Três juízes confirmaram a transcrição, complementando-a com informações como gestos, expressão facial e variações prosódicas básicas.





A caracterização das marcas hesitativas foi baseada em Marcuschi⁽²⁷⁾ e Vieira⁽¹⁷⁾.

Resultados

A exposição dos resultados será orientada pelos objetivos desta investigação. Para tanto, será retomado seu primeiro objetivo, a saber: descrever os momentos em que foram detectadas hesitações nos enunciados de J¹.

Em primeiro lugar, foram quantificados os enunciados produzidos por J durante a sessão de terapia, num total de 362 enunciados. Em seguida, esses enunciados foram separados em dois grupos: (1) aqueles com presença de marcas hesitativas; e (2) aqueles com ausência dessas marcas. Desse total de 362 enunciados, apenas 74 (20%) apresentavam essas marcas, enquanto 288 (80%) não apresentavam.

Seguem-se ocorrências de enunciados de J com marcas hesitativas:

Ocorrência 01 – marca hesitativa de **interrupção** (/)
T: Vai dormir na cama do nenê? ((T fala com J que está deitando na cama da boneca))

J: **tir/tirou** a cama? ((fala enquanto tira o lençol da cama da boneca))

T: essa é a cama do nenê + J. ((fala apontando para a cama da boneca))

Ocorrência 02 – marcas hesitativas de **interrupção, pausa silenciosa e repetição hesitativa** (respectivamente: /; +; a tia ta ti a tia ta tirando)

J: **a tia tá tí/ ++ a tia tá** tirando a fota? ((olhando para a câmera))

T: é + ela tá filmando ++ faz tchau

Da mesma forma, serão apresentados enunciados nos quais não se fizeram presentes marcas hesitativas:

Ocorrência 03

T: silên::cio ++ só+ na++ sala de aula ++ né? A professora fala assim pra você? ((T coloca o dedo sobre a boca, fazendo gesto de silêncio. J coloca a cadeirinha no chão)).

1. Marcas hesitativas consideradas nesta pesquisa e suas representações são as seguintes: pausa silenciosa “+”; repetições “que que”; gaguejamentos “e/e/e”; interrupções “/”.

J: **vou sentar** ((J vai até a frente da cadeirinha e apóia-se na mesinha)).

T: silêncio++ ah cê vai sentar pra fazer lição? ((J continua se apoiando com as mãos na mesinha))

J: ((ameaça sentar na cadeirinha)) **vou fazer lição**

Retoma-se o segundo objetivo que orienta a investigação, a saber, verificar em que medida os enunciados com marcas de hesitação poderiam indicar aspectos da subjetividade dessa criança.

Como se verá, a grande maioria de enunciados com marcas de hesitação coincidiu, principalmente, com diferentes formas de relação entre J e os tópicos que emergiram no processo discursivo².

Na análise dos enunciados com marcas hesitativas, mostrou-se conveniente categorizá-los de acordo com a relação que pareceram apresentar com a emergência de tópicos discursivos. Trata-se de enunciados que emergiram em situações de: (1) **desenvolvimento de tópico**, especialmente sob forma de complementaridade³ (DT); (2) **introdução de novo tópico** (NT); (3) **retorno a tópico anterior** (RT); (4) **recusa a tópico em emergência** (RecT); (5) **incompletude enunciativa**, mas interpretáveis em relação a tópicos discursivos (IC). Cinco enunciados com marcas de hesitação (6% do total desses enunciados) foram descartados da amostra, pois não se mostraram diretamente relacionados com tópicos discursivos. Esses enunciados mostraram, sobretudo, um aparente retorno de J sobre si mesma, tentativas de interpretação de suas reações, como no exemplo abaixo:

T: faz um desenho + toma ((a terapeuta oferece o material escolar para J))

J: a Já ++ a Já ((diz rindo e olhando para a terapeuta))

T: quer uma borracha?

J: **a J. tá rindo** ((diz rindo e olhando para a terapeuta))

Feita a exclusão dos enunciados não aparentemente relacionados aos tópicos, o total de enunciados que efetivamente levamos em consideração teve a seguinte distribuição:

2. Tópicos discursivos foram entendidos como temas que emergiram na cadeia discursiva, nem sempre (ou, no caso em análise: quase nunca) sob controle do(s) sujeito(s) na atividade discursiva (a sessão de terapia em destaque).

3. Cf., a propósito, Lemos (1986), Freire (1997) e Scarpa (2006).



**Tabela 1 – Distribuição numérica e percentual de enunciados com marcas hesitativas**

Desenvolvimento de tópico	Introdução de tópico	Retorno a tópico	Recusa a tópico	Incompletude	Total
43 (60%)	03 (03%)	13 (18%)	05 (08%)	08 (11%)	72 (100%)

Discussão

Como se viu nos resultados relativos ao primeiro objetivo da pesquisa, 80% de enunciados ocorreram sem marcas hesitativas. No entanto, esses enunciados mostraram-se com estruturas bastante cristalizadas, e vários deles foram repetidos muitas vezes durante o processo discursivo, como: *cê quer beber água?*; *cê quer fazer xixi?*; *cê quer dormir?*. Outros foram enunciados fortemente previsíveis pelo contexto, como, por exemplo, *R., vai como Deus*, que emergiu depois de o interlocutor se despedir da criança com *Tchau, J*, ou, ainda, *Que música é essa?*, após a própria criança retomar trechos de letras de canções, como, por exemplo: *passa a mão e pega; coisa louca; bate forte o tamô* (tambor). Trata-se, portanto, no caso de enunciados previsíveis pelo contexto, de situações nas quais tais enunciados se encontram “em pares adjacentes ritualizados, familiares, muitas vezes em situação de especularidade imediata, em expressões mais congeladas”⁽²⁸⁾. Esse conjunto de

situações favoreceria, portanto, a emergência de enunciados supostamente fluentes.

Feitas essas considerações a respeito do primeiro objetivo norteador de nossa investigação, retomar-se-á o segundo objetivo que a orienta, a saber, verificar em que medida os enunciados com marcas de hesitação poderiam indiciar aspectos da subjetividade dessa criança.

Para tanto, será relembrada a distribuição numérica e percentual dos enunciados considerados: 43 (60%) como DT; 13 (18%) como RT; 08 (11%) como IC; 5 (8%) como RecT; e 3 (3%) como NT.

Hipóteses explicativas serão feitas a propósito desse conjunto de resultados.

Como se viu, o maior percentual de enunciados com marcas de hesitação ocorreu em situações de **desenvolvimento de tópico** discursivo. Apresenta-se um recorte no qual figura um enunciado (**em negrito**) representativo desse tipo de situação:

Ocorrência 04

001	J	o nenê tá na cama	T e J sentam em um colchonete próximo a uma cama de brinquedo.
002	T	nenê tá dormindo? + tá dormindo?	J olha para T e em seguida olha para uma boneca, que está sobre a cama de brinquedo.
003	J	Dome	J fala mexendo numa cama de boneca.
004	T	tá dormindo	T traz uma banheira que estava encostada na parede, enquanto J continua a olhar para a cama da boneca.
005	J	deixa deixa ela dormir::	J fala olhando para T.

O maior percentual de enunciados desse tipo parece se dever, acima de tudo, à criança se deixar capturar pelo tópico, ou, em termos de Pêcheux⁽²⁰⁾, se assujeitar ao tópico em curso. Alia-se a esse processo de captura/assujeitamento o fato de que a situação possibilita a J a produção de enunciados em complementaridade. Em outras palavras, além de J se deixar colocar em situação de interlocução, um dos elementos lingüísticos de seu enunciado (o

verbo *dormir*) já emergiu na situação discursiva, tanto em T (*o nenê tá dormindo? + tá dormindo?*), quanto em J (*dome*). A marca de hesitação (a repetição *deixa deixa*) ocorre justamente na emergência do elemento lingüístico “inédito” no processo discursivo em consideração. Mostra-se, pois, a relação entre ocorrência de hesitações e indícios de subjetividade de J. Trata-se, em momentos como esse, da legitimação da criança como falante,





momentos nos quais o outro “é sancionado em seu dizer pela criança (e vice-versa)”⁽²⁹⁾. Em outras palavras, trata-se de momentos em que J indicia, mesmo que de maneira frágil e fugaz, seu assujeitamento à ordem (às leis) do discurso – assujeitamento socialmente esperado, uma vez que “toda

fala é uma demanda para o outro, um pedido de legitimação como falante”⁽²⁹⁾. A exigência dessa demanda é, inclusive, explicitada no próprio processo discursivo em análise, como se pode detectar no enunciado 717 abaixo, em negrito:

Ocorrência 05

712	J	po + pode apontar?	J fala olhando para T.
713	T	vê se precisa apontar	J continua olhando para T.
714	J	cê tem + cê tem a conta? + tia	J olha para a parede. Quando chama pela “tia”, fala olhando para T.
715	T	vê se precisa + cadê a ponta do lápis?	T aponta um lápis.
716	J	o:::i + tia + a tia	J volta a balançar uma calculadora.
717	T	fala o que que cê quer falar ó + aponta o lápis + você não queria apontar?	J continua balançando a calculadora.

Desse modo, em momentos como esses, J indicia sua “legitimação como falante”, ou, ainda, nas palavras de Tfouni⁽³⁰⁾, dá pistas de que, uma vez capturada/assujeitada, mesmo que fugazmente, pela linguagem, “não é possível não ser falante”.

Processo semelhante se dá nos momentos de **retorno a tópico** anterior (18% de nossos dados). Veja-se uma ocorrência ilustrativa desse processo:

Ocorrência 06

144	J	pode isquevrê?	J pega um papel e o coloca em uma mesa.
145	T	pode + escrever::	J olha para T, enquanto pega um estojo no suporte da mesa.
146	J	isquev/ a tia	J fala olhando para a câmera.
147	T	a tia tá aí + {ela vai ficar aí hoje	T refere-se a uma estagiária que filmava a terapia.

Nessa ocorrência, o enunciado *isquev/ a tia* mostra o momento de emergência de um tópico anteriormente em curso no processo discursivo,

como se poderá depreender da Ocorrência 07, que mostra momento anterior ao da Ocorrência 06:

Ocorrência 07

012	T	e o bebê?	J olha para a pessoa que está filmando, mas logo desvia seu olhar. T mexe em um saco de miniaturas.
013	J	a tia tá ti + a tia tá tirano a fota	J olha à câmera de filmagem.
014	T	é + ela tá filmando + faz tchau	J e T olham para a pessoa que está fazendo a filmagem.
015	J	ó:::	J fala olhando para T.
016	T	faz tchau assim pra ela	T faz gesto de tchau.





A hesitação em *isquev/ a tia*, mais uma vez, sob a perspectiva assumida nesta investigação, dá indícios de subjetividade de J, na medida em que marca um conflito (ainda que inconsciente) entre deixar-se submeter a um tópico em curso e/ou voltar a um já dito/já vivido no processo discursivo em consideração⁴.

Passa-se aos momentos de **recusa a tópico** em emergência no processo discursivo:

Ocorrência 08

072	T	primeiro vamos dar banho + depois você põe o nenê pra dormir	T tira o lençol de dentro de uma banheira e o coloca na cama de brinquedo. Em seguida, J muda o lençol de lugar e pega um travesseiro.
073	J	ai ((soproso)) + quê que você tá faze:nu?	J tira rapidamente o travesseiro da cama e o coloca sobre um colchonete.
074	T	então arruma a cama + arruma a cama dele	J olha para T e pega o lençol da cama de brinquedo. Ao mesmo tempo, T coloca uma boneca dentro da banheira.
075	J	que cê tá fazendo nenê?	J deita no colchonete coloca o lençol sobre si, tentando se cobrir.
076	J	arruma a cama dele	J tenta se cobrir com o lençol.
077	J	(vou) dormir	J fala deitada, olhando para T.
078	T	ah + você vai dormir? então eu vou dormir também	Neste trecho não é possível observar, perfeitamente, se J olha para T ou para a câmera, pois T e a pessoa que está filmando se sobrepõem na imagem.
079	J	cê quer água?	Idem à situação anterior.
080	T	não tô com sede agora	Idem à situação anterior.
081	J	cê quer ir imbola?	Idem à situação anterior.
082	T	se eu quero ir embora? ah + cê acabou de chegar + perguntando se eu quero ir embora + a gente acabou de chegar	Idem à situação anterior.
083	J	cê cê cê cê quer água?	J fala olhando para a câmera.
084	T	Não	J continua a olhar para a câmera.
085	J	a tia tá tirando a foto	J continua a olhar para a câmera.
086	T	((risos)) a tia tá tirando a foto + né? ela vai ficar aqui um pouquinho + com a gente	T ri e J continua olhando para a câmera.

Trata-se de momentos em que J mostra não se deixar capturar pelo/assujeitar ao tópico em curso (ou à própria escuta do outro). Indícios dessa hipótese são dois enunciados que se mostram como descontextualizados em sua fala: *cê quer água?*; *cê que ir imbola?*, respectivamente como resposta a *ah*

+ *você vai dormir? então eu vou dormir também e não tô com sede agora*⁵. Ao mesmo tempo, esses enunciados parecem indicar que, se, por um lado, J, assujeitando-se à ordem do discurso, assume a impossibilidade de não ser falante, por outro lado, eles indicam também que não é qualquer lugar

4. Uma vez que todo discurso se assenta sobre discursos prévios, pode-se ainda supor que o retorno a uma situação ocorrida no processo discursivo em consideração remete a todo um conjunto de situações de filmagens pelas quais J passou em seu processo clínico, bem como, ou principalmente, a situações de vida cotidiana em que foi fotografada.

5. Mesmo o enunciado (*vou*) *dormir*, que textualmente está em coesão com os enunciados anteriormente em curso nessa situação específica (72 a 76) pode, discursivamente, dar indícios de sua recusa ao tópico em curso no processo discursivo – cuidar de um nenê.





(tópico) discursivo que a assujeita a essa ordem. Nesse sentido, grande parte, se não a totalidade (80%) de enunciados como esses, sem marcas de hesitação, funcionariam, no processo discursivo em análise, como índices de recusa a tópicos discursivos.

O que dizer do enunciado *cê cê cê cê quer água?*, que sucede seus enunciados anteriores sem marcas de hesitação no recorte em análise? Esse enunciado com repetição hesitativa parece marcar tanto a força da possível recusa ao tópico discursivo, quanto a força de mostrar essa recusa por meio de formas lingüísticas não-cristalizadas. Processo sem êxito, já que, após a repetição hesitativa (*cê cê cê cê*), o que emerge na cadeia discursiva

é uma parte bastante cristalizada e recorrente dos enunciados de J (*quer água?*).

Um fato que, mais uma vez, reforça a hipótese de recusa é o enunciado seguinte de J: *a tia tá tirano a fota*, que, na cadeia discursiva figura como retorno a tópico anterior. Discursivamente, trata-se de um retorno a tópico, ou de outra forma de recusa ao tópico em curso?

Com essa questão, serão introduzidas considerações sobre enunciados com marcas hesitativas classificados como introdução de **novo tópico** discursivo.

Segue-se exemplo ilustrativo desse tipo de situação:

Ocorrência 09

528	J	a/a Camila quebrou?	J olha para T enquanto mexe no plástico de um espelho de brinquedo.
529	T	quem é Camila?	J continua a olhar para T e a mexer no plástico.
530	J	a Camila quebrou	J continua a olhar para T e a mexer no plástico.
531	T	a Camila quebrou o CD? + não sei quem é Camila	J olha para a câmera, mas rapidamente desvia seu olhar.

Numa situação em que o tópico em curso anterior era uma enumeração de canções populares, emerge no discurso de J novo tópico discursivo – situação bastante rara no processo discursivo em análise: apenas três ocorrências (3% do total de enunciados com marcas hesitativas). Como se viu até o presente momento, em sua grande maioria, os enunciados com hesitação ocorreram em situações de desenvolvimento de tópico ou de retorno a tópico anterior.

Digno de destaque na Ocorrência 09 é o fato de que, quando J se marca como sujeito (pela introdução de algo novo no processo discursivo), a hesitação, mais uma vez, se faz presente – o que leva a pensar que a hesitação pode ser interpretada como uma marca dos processos inconscientes nesses momentos em que J se mostra como interlocutor no processo discursivo. Outro fato digno de destaque na Ocorrência 09 é o de que o retorno do enunciado 528, no enunciado 530, se dá sem marca de hesitação. Ou seja, a partir do momento em que J se ancorou em seu próprio dizer (ou seja, a partir

do momento em que a – novidade – do dizer deixou de ser uma novidade), a hesitação desapareceu.

Passa-se, por fim, a considerações sobre os enunciados com marcas hesitativas classificados como de **incompletude enunciativa** (já que a cadeia discursiva no qual emergiram se mostra incompleta, dificultando a percepção de um vínculo mais direto entre tais enunciados e outros a eles diretamente relacionados no processo discursivo). Veja-se um exemplo:





Ocorrência 10

331	T	vai de biquini + NE	T termina de vestir uma boneca.
332	J	quer apanhar? + pererê + pererê	J cobre seu rosto com uma banheira.
333	T	coloca a banheira aqui	T aponta para um colchonete e J continua mexendo na banheira, mas com rosto descoberto.
334	J	ai muLEque	J cobre o rosto novamente.
335	T	hein J?	J permanece com o rosto coberto.
336	J	ai muleque	J permanece com o rosto coberto.
337	T	coloca a banheira aqui	T aponta para o colchonete, mas J permanece com o rosto coberto.
338	J	ai muleque	J levanta um pouco a banheira, mas volta cobrir seu rosto.
339	T	banheira é pro bebê tomar banho + J	J permanece com o rosto coberto.
340	J	bate forte o tamô	J permanece com o rosto coberto.
341	T	é do bebê tomar banho + vamos colocar a banheira aqui ó?	J permanece com o rosto coberto.
342	J	((gritos de J))	J permanece com o rosto coberto.
343	T	posso tirar?	T coloca a mão em uma das pontas da banheira.
344	J	o que é isso?	J descobre o rosto.
345	T	tá se escondendo aí?	T pega a banheira.
346	J	que + que?	T continua segurando a banheira.
347	T	vai se esconder atrás da banheira? + tó põe o nenê pra dormir agora	J começa a se levantar do colchonete. T coloca banheira no chão e oferece a boneca a J.
348	J	que tia?+ que tia + que é isso?	J fica em pé.
349	T	que isso? + não joga + tadi::nho + ele vai chorar + vai chora::r assim	J pega a boneca da mão de T e joga-a sobre a cama de brinquedo. T chama-lhe a atenção e J arruma a boneca na cama.
350	J	que + que:: + ((gritos de J.))	J continua arrumando a boneca na cama.
351	T	tem que colocar + ó + coloca assim + o travesseiro + isso + vamos colocar ele assim + devagarinho	T pega a boneca, depois J coloca o travesseiro na cama da boneca. J e T colocam a boneca na cama.
352	J	Hein	J e T se olham.
353	T	Devagarinho	J e T se olham.
354	J	(cê já vai) + ela tá guitrando? [gritando]	J e T se olham.
355	T	é + você tá gritando + anh + tem gente batendo na	Uma terceira pessoa interrompe a terapia e conversa com T.
356	J	cê quer água? + () ((gritos de J.))	Enquanto J fala, T continua conversando com a pessoa.
357	T	já colocou ele pra dormir?	T volta-se para J, arrumando a boneca na cama. J começa a puxar a borda de uma bucha com a ponta dos dedos.
358	J	cê quer água?	J continua puxando a ponta da bucha.
359	T	não pode tirar ó + ((J. bate no rosto da terapeuta com a mão)) + não pode fazer isso	T pega a bucha que estava na mão de J. Em seguida, J bate no rosto da terapeuta com a mão. T segura a mão de J e fala olhando para J.





Trata-se de um recorte mais extenso. Isso se deve a informações vistas como necessárias para fundamentar a análise. O contexto em que os enunciados, nesse recorte, emergem no processo discursivo é o dos cuidados com um bebê (uma boneca). Há vários indícios de recusa a esse tópico nesse recorte, tanto verbais, quanto não-verbais. Dentre os verbais, destacam-se enunciados cristalizados, os quais, conforme análise anterior, (também) funcionam discursivamente como formas de recusa (não assujeitamento) a tópico em curso: *cê quer água?*; *ai moleque*. Ainda dentre os verbais: *ela tá guitrando?* (gritando); *quer apanhar?* + *pererê* + *pererê*⁶.

Mas, dentre os verbais, estão também aqueles classificados como em situação de incompletude, em negrito no recorte. São incompletos no sentido de que a cadeia lingüística que os concluiria não se consuma. No entanto, se remetidos ao processo discursivo, no contexto em que ocorrem, eles funcionariam como mais uma forma de manifestação de recusa, talvez uma forma mais acentuada de recusa, já que dois deles (346 e 348) surgem depois de um primeiro momento de gritos (342), e um terceiro é produzido com grito (350). Elementos não-verbais podem também reforçar essa interpretação. Com efeito, J cobre o rosto com uma banheira, joga a boneca sobre a cama, olha para a terapeuta, começa a desfiar uma bucha e culmina a recusa com um tapa no rosto da terapeuta.

Nesse contexto, talvez o que mais chame a atenção são as repetições nos enunciados não concluídos (*que + que; que tia? + que tia+ que é isso?*) e, especialmente, o alongamento hesitativo (:::) em *que + que:::*. Trata-se de um conjunto de elementos (verbais e não-verbais) que dão indícios de subjetividade de J, na medida em que são marcas de seu possível conflito com o tópico em curso. As repetições se destacam nesse contexto, já que, segundo Koch et al⁽⁵¹⁾, a recorrência de elementos lingüísticos deveria ser interpretada como um processo de reconstrução de enunciado. Um fato que justifica essa interpretação, para a mesma autora, é o de que, nas recorrências, há sempre alterações prosódicas. No caso, entre o enunciado 346 e o 350, houve variação percebida de volume; entre esses

mesmos enunciados, houve variação de duração percebida no segundo *que*. Assim, poder-se-ia dizer que o “mesmo”, em termos formais, não é o “mesmo”, em termos discursivos. Considerando-se o que Pêcheux & Fuchs⁽²¹⁾ caracterizam como espaço subjetivo (imaginário) da enunciação, os momentos de repetição, especialmente aqueles em que não se completa o enunciado, poderiam ser interpretados como “incessantes retornos sobre o que [o sujeito] formula, e aí [ele] se reconheça na ‘relação reflexiva ou pré-consciente com as palavras’ (...)”⁽²¹⁾.

Como se procurou demonstrar, em diferentes tipos de enunciados de J em que ocorreram marcas de hesitação, puderam ser detectados indícios de emergência de (sua) subjetividade. Fundamentalmente, esses indícios apontaram para sua aceitação ou sua recusa a tópicos discursivos – fatos que, de diferentes maneiras, apontam para a (sua) negociação conflituosa com esses tópicos. Em raros momentos, as hesitações apontaram, inclusive, para uma proposição de novos tópicos.

Aspecto comum a todas as ocorrências é a de que nelas “pausas, reformulações e correções não ocorrem sempre onde se faria necessário e podem ocorrer quando não parecem necessários”⁽³²⁾. Mais um indício de subjetividade, mesmo que frágil, na medida em que apontam para “o reconhecimento pela criança da discrepância entre o que diz e o que deve dizer, ainda que não chegue à forma correta”⁽³²⁾.

Conclusões

Neste trabalho, as hesitações mostraram-se como índices lingüístico-discursivos de conflitos/negociações do sujeito em relação a tópicos discursivos. Mostraram-se, pois, desse modo, não apenas como índices da relação do sujeito com a (sua) linguagem, mas, também, como índices da (sua) escuta do outro. Assim, vistas sob este prisma, as hesitações apontam caminhos para se pensar o sujeito-questão e para se buscarem possíveis sentidos revelados na materialidade visível da fala (no fio do discurso). Sob este ponto de vista, as hesitações ganham outro estatuto: elas podem ser vistas como sinalizações, nem sempre conscientes, do que está subjacente.

Desta forma, no interior da clínica terapêutica fonoaudiológica, pode-se pensar uma escuta para as hesitações. O clínico, com esta escuta mais

6. A propósito, a expressão “pererê, pererê” precede o enunciado “caí fora” na canção *Cai fora*, gravada por Ivete Sangalo. Em vários momentos (anteriores e posteriores) ao do trecho em análise, J canta esse trecho da canção, substituindo “caí” por “sai”.





permeável, teria mais recursos para (re)significá-las no processo discursivo. E assim, pela/na linguagem, o terapeuta poderia favorecer as negociações de sentidos – tanto intra quanto intersubjetivas – auxiliando no processo de constituição lingüístico-discursiva do sujeito que se mostra (também) nas rupturas do dizer.

Referências bibliográficas

1. Anderson JD, Wagovich SA, Hall NE. Nonword repetition skills in young children who do and do not stutter. *Journal of Fluency Disorders* 31; 2006 may; 177 - 199
2. Coulter CE, Anderson JD, Conture EG. Childhood stuttering and dissociations across linguistic domains: A replication and extension. *Journal of Fluency Disorders*, v.34 2009 ;257–278.
3. Wagovich SA, Hall NE, Clifford BA. Speech disruptions in relation to language growth in children who stutter: An exploratory study. *Journal of Fluency Disorders* v. 34; 2009, 242–256.
4. Juste F, Andrade CRF. de. Tipologia das rupturas de fala e classes gramaticais em crianças gagas e fluentes. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Barueri (SP)*, 2006; maio-ago ;v. 18, n. 2, p.129-140.
5. Merçon SMA, Nemr K. Gagueira e Disfluência Comum na Infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. *Revista CEFAC*, 2007, v.9, n.2, p.(?).
6. Andrade CRF, Queiróz DP, Sassi FC. Eletromiografia e diadococinesia: estudo com crianças fluentes e com gagueira. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2010 abr-jun; 22(2):77-82.
7. Andrade CRF. Perfil familiar da fluência da fala: estudo lingüístico, acústico e eletromiográfico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2010 jul-set; 22(3):p. 169-74.
8. Oliveira CMC, Souza HA, Santos AC, Cunha D, Giacheti CM. Fatores De Risco Na Gagueira Desenvolvimental Familiar E Isolada. *Revista CEFAC*, 2011;vol.13, nº1, p.(?).
9. Peets KF. Profiles of dysfluency and errors in classroom discourse among children with language impairment. *Journal of Communication Disorders*, v. 42, 2009; 136–154.
10. Cummins RA. Fluency disorders and life quality: Subjective wellbeing vs. health-related quality of life. *Journal of Fluency Disorders* v. 35; 2010, 161–172.
11. Martins VO, Andrade CRF. Perfil evolutivo da fluência da fala de falantes do Português Brasileiro. *Revista Pró-Fono, Barueri*, 2008;v.20, n.1, p.7-12.
12. Befi-Lopes D, Paula EM. Habilidades de Resolução de Conflito e Ocorrência de Disfluências Comuns em Crianças em Desenvolvimento Normal de Linguagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 2008 v.13, n.3.
13. Freire RM. Análise da afasia sob uma perspectiva discursiva. In.: PASSOS, M. C. (Org) **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus, 1996, pp.133.
14. Friedman S. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In.: PASSOS, M. C. (Org) **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus, 1996, pp. 79-114.
15. Tubero AL. A história do alfaiate: processo terapêutico de um afásico. In.: PASSOS, M. C. (Org) **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus, 1996, pp. 115-132
16. Palladino RRR. Encontros e desencontros da fonoaudiologia. In.: PASSOS, M. C. (Org) **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus, 1996, pp. 45-52
17. Vieira RCR. **Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitação em contexto fonético-fonológico recorrente**. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) _ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.
18. Nascimento JC. **Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson**. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) _ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.
19. Nascimento JC, Chacon L. Hesitação: um indicio de autoria na conversação. In: TFOUNI, L. V. (org.) **Múltiplas faces da autoria: análise do discurso, psicanálise, literatura, modernidade e enunciação**. Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2008; pp. 121-140.
22. Pêcheux M. Análise automática do discurso. In: Gadet F, Hak T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
21. Pêcheux M, Fuchs C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
22. Authier-Revuz J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, 1990, v. 19. p. 25-42.
23. Dias CEB. **Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 04/02349-1,2005.
24. Camillo M. Hesitações em um sujeito com doença de Parkinson e em um sujeito sem lesão neurológica: um estudo comparativo. In: XII Jornada de Fonoaudiologia da Unesp, 2008, Marília. **Anais (...)**. Marília: Fundepe Editora, 2008, v. único, p. s/n-s-n.
25. Vieira RCR, Chacon L. Hesitações e suas margens em enunciados de um sujeito com doença de Parkinson. In: II Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa, 2009, Évora (Portugal). **Anais (...)**. Évora: Universidade de Évora, 2009.
26. Pretti D, Urbano H. **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1998.
27. Marcuschi LA. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p. 159-194, 1999.
28. Scarpa EM. (Ainda) Sobre o sujeito fluente. In.: LIER-DeVITTO, M. F. e ARANTES, L. (Org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC,FAPESP, 2006, pp. 161-180.
29. Oliveira MT. Ecolalia: quem fala nessa voz? In.: LIER-DeVITTO, M. F. e ARANTES, L. (Org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC,FAPESP, 2006, pp. 277 - 288.
30. Tfouni FEV. **O interdito como fundador do discurso**. Campinas: Dissertação de Mestrado em Lingüística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
31. Koch IGV. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso. **Gramática do Português Falado: a ordem**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p.143-184, 1990.





32. De Lemos CTG. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, 2002, v. 42, p. 41-69, Jan./Jun.

_____. **A linguagem como processo terapêutico – sócio-construtivismo**: interações eficazes. São Paulo: Plexus, 1997.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) **Gramática do português falado** - construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, vol. I, p.47-70.

_____. Uma perspectiva discursiva sobre a hesitação. 2010. Inédito.

Recebido em novembro/11; **aprovado em** junho/12.

Endereço para correspondência

Lourenço Chacon
Departamento de Fonoaudiologia - Unesp
Endereço: Av. Hygino Muzzi Filho, 737
CEP 17525-900
Marília - SP

E-mail: lourencochacon@yahoo.com.br

